ANO II — Lisboa — Quinta-feira, 8 de Agosto de 1918 — N.º 436

Poca:cer:e
poca:grer

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Gratata, 134
Editor — João M. Santos
Telefone: C. 1035

Mercantilismo & Exibicionismo

Uma das mais graves, das mais perniciosas consequencias da tirania demagogica, entre nós, tem sido o *mercantilismo*. Aproveitando a ocasião propicia criada pela guerra, origem primaria da escassez das mercadorias, e conseguindo medrar á sombra de privilegios obtidos e do conluio com os imaculados estadistas demagogicos, toda uma numerosa sorte de enigmaticas creaturinhas se lançou na especulação mercantil, abandonando todo o escrupulo, na ancia de enriquecer depressa, custasse o que custasse.

—Ha por ci alguma cousa que vender?...—gritaram. E imediatamente surgiu, como por encanto, uma legião de intermediarios, improvisados comerciantes, assaltando tudo e todos, numa febre de transaccionismo, atingindo por vezes paroxismos de verdadeiro delirio. Desde então, começaram as mercadorias de primeira necessidade a subir vertiginosamente de preço, rareando pouco a pouco, sonegadas ardilosamente, á espera do momento propicio do reapparecimento. O mesmo artigo, no curto praso dum dia, passa pelas mãos de trinta possuidores, sucessivamente comprado e revendido, com uma celeridade miraculosa.

Entre o productor e o consumidor levanta-se, anciosa, toda uma longa fila de braços intermediarios, reclamando salario, impondo-se com ousadia. Assim temos vivido, não sem que o clamor da população que trabalha e não especula venha subindo gradualmente de tom, cada vez aproximando-se mais da aguda explosão da revolta...

E' interessante, porém, que, não obstante a situação ameaçadora, cujo horizonte mais e mais vai enegrecendo, algumas pessoas, maligna ou ingenuamente, tentam ainda convencer a opinião de que jamais se atravessou uma epoca financeiramente tão prospera! Não ha duvida que os capitais abundam em certas mãos, e cada vez que se fareja um negocio de lucros superiores a 100 0/0, surdem avidamente de toda a parte; sómente esses negocios, consistindo fundamentalmente em meras transacções, em nada podem interessar á prosperidade geral do Pais, pois que vão directa e exclusivamente beneficiar uma restricta classe de pessoas, que as mais das vezes não sabem tirar proveitoso partido do dinheiro que assim ganharam.

São poucas as empresas que se tem pretendido lançar, destinadas á utilização directa das nossas tão desprezadas fontes de riqueza, isto é, á *producção de utilidades*, e, destas, apenas raras teem conseguido *reussite*, após denodados combates e de toda a sorte de peripecias e dificuldades.

Ora, dada a gravissima situação economica em que nos debatemos, não ha processo nenhum, não ha habilidade governamental por mais engenhosa que seja, capaz de nos salvar da ruina e da falencia—senão da anarquia—se se não enveredar pelo unico caminho que se nos depara: o do *aumento intensivo da producção* pela *utilisação directa e imediata das nossas riquezas*.

O nosso Pais, vergonhosamente tributario do estrangeiro em tantas e tantas utilidades que dentro dele tão facilmente se poderiam fabricar, ou produzir, atravessa hoje uma das mais criticas fases da sua historia—critica sobre tudo para quem não encare o *dia de amanhã* com a criminosa indiferença de certos patriotas demasiadamente amigos do seu bem estar.

Esta febre mercantilista que nos assaltou, incubada sob o auspicio da tirania demagogica, não é mais do que a gangrena da actividade comercial, e só pode produzir consequencias desastrosas.

A toda a gente é licito procurar enriquecer—contanto que o não faça em detrimento alheio... E numa epoca tal como a que atravessámos, diligenciando cada um explorar o proximo, (em vez de procurarmos todos o bem comum, trabalhando a terra), apenas conseguiremos o suicidio colectivo, lento, decerto, mas angustioso e miseravel como poucos.

Desgraçadamente, estas ideias não fazem, hoje em dia, caminho; e quasi se torna ridicula toda a triste lamentação que os factos provocam e justificam, propria, apenas, (no pensar de muitos), de velhos caturras, pessimistas e desdentados. O prazer, e só o prazer, atrahe. Como consequencia da consequencia, o exibicionismo surge arrogante, gerado pelo arrivismo mercantilista, com uma inumeravel e irritante multidão de *parvenus*, que cada dia aumenta, anciosa de nos lançar bem á cara o seu oiro,—não vá alguem tomá-los pelo que ha pouco ainda eram... Jámais se assistiu no nosso Pais a uma tão espantosa exibição de luxo e de tão espectaculose fausto.

Os teatros e os cinemas regorgitam de espectadores, desejosos sobretudo de se mostrarem uns aos outros. Figuras absolutamente desconhecidas, d'ambos os sexos, aparecem ricamente ajaesadas, mas recordando muitas, embora, certas individualidades que ainda ha pouco desdenhavam superiormente o colarinho. São os *novos ricos*, dizem, com suas esposas, a hombrear, hoje, em requintes de elegancia, com os profissionaes da mesma.

Ei-los ahi em que vem pulverizar-se, estulta e inutilmente, todo esse oiro arrancado á miseria dos que trabalham e produzem!... *Pulverizar-se inutilmente!*... Sim, *inutilmente*, ainda que a expressão desagrade aos economistas de via reduzida. Inutilmente, sim, porque todo esse consumo excessivo e anómalo de productos das industrias do vestuario e *toilette*, muitos até importados do estrangeiro, só pode ter por consequencia o desenvolvimento anomálo dessas industrias, num paiz em que tantas outras, de primeira essidade, indispensaveis a vida economico-social da nação, se debatem em pavorosas crises, ou vivem nas mais perniciosas condições de atrofia, ameaçadas de morte a todo o momento.

E' um erro supôr que o excessivo consumo dos artigos de luxo, vestuario, modas, *toilette* e correlativas, causa um beneficio real aos artifices que empregam o seu trabalho nas industrias que os produzem. Numa epoca como a actual, dada a escassez das materias primas, esse abusivo consumo só tem como resultado final o encarecimento espantoso de todos esses artigos, só enchendo as algibeiras d'oiro aos intermediarios, que encontram ahi um belo campo de actividade. Os operarios, se algum beneficio obteem, pequeno elle é, e apenas teem conseguido geralmente impôr-se, nas questões de melhoria de salario, socorrendo-se da violencia.

De resto, se uma industria secundaria prospera em detrimento doutras, essenciaes á vida dum paiz, as consequencias economicas são bem de ver.

Os operarios, procurando sobretudo emprego nas primeiras, fazem-se mutuamente concorrencia, e os salarios diminuem; por outro lado, havendo dificuldade em produzir os outros artigos, os indispensaveis á vida, sobem estes de preço, e a vida torna-se angustiosa para a grande maioria da população.

O sabio economista Stanley Jevons, da universidade de Londres, escrevou, a proposito dos preconceitos sobre o consumo: «quando um rico resolve o emprego do seu dinheiro, decide, por esse facto, não a quantidade de trabalho que resultará, mas sim o genero de trabalho a efectuar.

Se tem a fantasia de dar um grande baile, fornecerá trabalho ás modistas, aos alfaiates, aos fabricantes de rendas, etc. Certamente, um só baile não terá efeito sensivel, mas se muitos lhe seguirem o exemplo, ver-se-ha, dentro em breve, mais passoal addricto áquelas ocupações. Se os ricos colocam o dinheiro em um novo caminho de ferro, haverá mais inspectores, engenheiros, contramestres, etc. Na realidade, a questão reduz-se ao seguinte: proporcionam mais bem estar ao povo os bailes do que os caminhos de ferro? Um baile produz prazer em um momento dado, mas custa muito caro. Uma vez realisado, não deixa resultado duradoiro e ninguem melhoron muito de situação. Pelo contrario, o caminho de ferro não é uma ceusa imediata de prazer, mas diminue o preço das mercadorias, permitindo transportá-las mais facilmente.' Permite fugir ao borborinho das cidades e proporciona ao publico excursões agradaveis e salutares. Vê-se, assim, que é loucura aprovar o consumo só porque ele anima o comercio. Ao dispender as riquezas, não deviamos nunca pensar senão nas vantagens que disso resulta para o povo.»

Isto dizem os mestres.

E entre nós que fazem os estadistas? Ter-se-hão convencido de que a nossa crise economica se resolve com uma caça mais ou menos intensiva a uma certa classe de comerciantes-açambarcadores? Se tal pensaram, enganaram-se redondamente. A' medida que forem inutilisando um e outro dos prevaricadores, novos aparecerão, inesperadamente, —á maneira de hidra, esse animal fabuloso, de numerosas cabeças, que uma vez cortadas logo renasciam, e tanto deu que fazer a Hercules. O que é necessario é decretar medidas impedindo directa e indirectamente o mercantilismo, cerceando, por meio de contribuições pesadas o exercicio de todo o genero de transações gananciosas, que só servem, em ultima analise, para prejudicar a produção de utilidades pelo aproveitamento das nossas riquezas.

Indispensavel e urgente se torna, tambem, lançar contribuições pesadas sobre todos os artigos de luxo, importados ou não, por maneira a moderar o desenfreado e indecoroso exibicionismo dos numerosos *parvenus*, dando o exemplo a tanta gente de imaginação doentia, que os imita, sacrificando ás elegancias do vestuario a sua propria saúde.

Por outro lado, e ao mesmo tempo, é imprescindivel que, por todos os meios ao seu alcance, o Estado tome decididamente sob a sua protecção todas as iniciativas serias que digam respeito á utilisação dos nossos recursos naturaes, dando-lhe as maximas facilidades, (em vez de as dificultarem, como até aqui), contribuindo até para a sua execução, quando fôr possivel, pela facultação de fundos do erario publico, numa palavra, dando aos capitaes nelas empenhados tantas garantias, quantas peies e entraves se devem opôr á especulação e á trafficancia a que outros apenas se dedicam.

Se este caminho assusta os nossos estadistas, nada mais temos a fazer senão colocar-lhes o dilema a que aludiu, na sua recente conferencia na Associação da Agricultura, o nosso distincto amigo e ilustre deputado sr. Dr. Pequito Rebello, a proposito da não solução da nossa crise economica: os *soviets* ou a administração estrangeira.

Escolhem!

Eduardo de Bethencourt Ferreira

Dr. Lobo d'Avila Lima

Telegramas chegados do Rio de Janeiro dão-nos a boa noticia de entusiasmo com que foi recebido no Brazil o projecto do ilustre parlamentar dr. Lobo de Avila Lima, para um maior estreitamento entre Portugal e Brazil.

Ao ilustre advogado e causidico dr. Lobo d'Avila Lima enviamos os nossos cumprimentos.

Dr. José Pequito Rebello

São do nosso presado colega «O Liberal» as referencias que tomamos a liberdade de transcrever ao nosso querido amigo dr. José Pequito Rebello:

Defendendo a lavoura alemtejana, fez a sua estreia parlamentar na segunda feira o nosso querido amigo sr. dr. José Pequito Rebello.

O ilustre d-putado que, pelo adiantado da hora, foi obrigado a resumir a sua bem elaborada defeza, deixou a melhor impressão na camara como brilhador de vastos recursos e adversario leal mas energico.

Com muita estima abracamos o novel parlamentar.

Abernarda...

A *coisa* parece que esteve ontem prestes a rebentar.

Houve parada de forças em frente da Brazileira. Grupos numerosos atravessavam a cidade em automoveis.

Ao subirmos o Chiado, perto das 11 horas, ouvimos gritaria.

Só tivemos tempo de enxergar o *menino* Matos Cordeiro que vinha com alguns oficiaes num automovel. Soubémos pouco depois que o alferes Matos Cordeiro tinha ordem para ser preso no domicilio, pois existem contra ele dois mandados de captura:—um por estupro e outro por politica.

Mas, afinal parece que ficou adiada a *dança*...

Confissão preciosa...

Tem-nos passado despercebida uma nova secção que o orgão de Newala inaugurou, intitulada «Um conceito por dia». Ontem porém chamou-nos a atenção. Dizia:

A tentação, a principio, é uma formiga cocegueira, e, por fim, é um leão que devora. Tal é a historia das nossas paixões.

Ha conceitos que são fotografias...

A leviana Ofelia ao principio quiz resistir á tentação. Mas as «cocegas da formiga» levaram-na á perdição.

O «Leão» é claro foi o sr. Afonso Costa a quem chiou no papo a Ofelia evolucionista...

E ela com aquele ar de Madalena arrependida, confessa com simplicidade ser aquela a «historia das suas paixões»... ilicitas... a ver se consegue que algum velhote ricaço a tire do vicio «para onde a desgraça a levou»...

OS HISTORICOS...

A proposito do incidente Solano de Almeida, tomamos a liberdade de transcrever da *Patria*! esta magistral sova que o dr. Pereira de Sousa dá nos *novos* republicanos:

Perguntou o sr. Cunha Leal á camara se um oficial do exercito pode, oficialmente, declarar-se monarquico, e como para a resposta ser consignada precisava de que, a dentro daquela casa do Parlamento uma voz auctorizada lh'a desse, foi o sr. dr. Egas Moniz quem lh'a deu!

A gente lembra-se com a mão esquerda ao vêr a facundia com que o sr. dr. Egas Moniz decretou a demissão do sr. Solano de Almeida do cargo de governador civil de Coimbra... *por ser monarquico!*...

O sr. dr. Egas Moniz, o ferrenho monarquico que em Coimbra teve acesas discussões com Alexandre Braga por causa do seu crédo; o homem que foi disputado pela mão do conselheiro José Luciano, a quem a ambição de uma pasta de ministro, que não conseguira com a pressa com que a desejava ao lado do primeiro chefe, lançou na *dissidencia* e a quem a observação da situação encrevada em que se metera por *a conspirar com os republicanos;* o sr. dr. Egas Moniz que, após a revolução de 1910, foi *almeidista;* passando de novo pela fase CONSPIRADOR MONARQUICO quando fazia digressões pelo Vidago e que por fim, esteve para ser ministro com Pimenta de Castro; o sr. dr. Egas Moniz era, sem duvida, quem com *mais auctoridade devia reinvindicar a genuinidade de uma administração republicana, para que não sofressem abalo os seus inalteraveis e sempre adorados principios republicanos!* Até dá vontade de morrer a rir!

Tem toda a razão! E dá tambem vontade de perguntar se a vergonha acabou de vez em Portugal...

Minorias monarquicas

A reunião dos parlamentares monarquicos marcou ontem mais um triunfo para a causa da Patria. A unidade de vistas, que constitue o segredo da nossa força, mantem-se com a superioridade de sempre. A disciplina, que não é imposta, resulta da adesão voluntaria e consciente a um mesmo principio. Esse principio a Monarquia o incarna pela sua verdade historica e pelas suas virtudes eminentemente sociaes. O regime que fez a Patria é o regime que a restaurará. Sinceramente convencidos das suas responsabilidades no actual momento, os parlamentares monarquicos deram ontem mais uma prova de que servem o Rei, servindo a Portugal.

Encerrados os seus primeiros trabalhos,—trabalhos preparatorios, trabalhos de adaptação, não entrou certamente no periodo constructivo. A sua capacidade de homens de governo não tardará a afirmar-se num conjunto de soluções em que o problema nacional será posto e definido em termos imediatos e bem categoricos. Confiada na sua ação esclarecida e inteligente, a *Monarquia* apresenta aos parlamentares monarquicos as suas mais calorosas homenagens.

Para que serve o Parlamento?...

A pergunta não é nossa, mas sim do orgão democratico do Porto *O Norte*.

Embora não seja feita a nós a pergunta, responder-lhe-emos, como sempre:—*para nada!*

Só lamentamos que o colega tão tarde se convença da verdade que nós ha tanto vimos afirmando. Mas... mais vale tarde do que nunca!...

POLITICA

I—Um manifesto

O Partido Republicano Português (vulgo, *democratico*) distribuiu esta manhã um longo manifesto ao Pais. Que razões o fizeram sair?—Ele proprio o diz:—dar á maior parte da consciencia republicana a certeza de que na «hora sombria» que atravessamos a velha legião de lutadores republicanos ergue orgulhosamente a sua nobre bandeira acima da maré plena de odios, de injustiças e de violencias, que é o desolador patrimonio da hora presente.

Assim reza o manifesto. Será realmente assim? Não. O que ele vem fazer é fomentar mais a desordem, tentar esquecer o seu passado cheio de no loas e de sangue, afirmando que desde Dezembro se vive numa epoca de represalias, de crimes, de vinganças, sob um jugo duma demagogia desenfreada. E' um rol de queixas que se abre, tentando provar que não se respira e que não existe liberdade.

Evidentemente que o governo tem que lançar mão de meios eficazes para assegurar a Ordem. Quem a perturba?—Os proprios republicanos, afonsistas, camachistas, evolucionistas, coligados todos por um odio veemente contra quem os desalojou do Poder, a uns, e a outros da espectativa de o alcançarem.

Escorraçados do Poder pela força duma revolução triunfante,—os democraticos pretendem, mentindo, provar que lá estavam legitimamente, sendo desolojados por uma usurpação.

Por seu turno, os almeidistas e camachistas reunem-se sob o mesmo pendão duma inveja rancorosa, a inveja de quem vê noutrem o explendor da Força que lhe falta a si,—e como sempre se limitam a ser meros satelites dum grande astro chamado *Democratismo*.

II — Os crimes

No intuito de deprimir a situação atual, diz-se, escreve-se que o seu advento foi o jubileu do Odio e da Mentira.

«Acusava-se mas não se levava ninguem aos tribunaes. Depois do assalto ferocissimo aos domicilios privados, inéditos para honra de Portugal, na historia das nossas ultimas convulsões politicas, restava a reputação, a honra, a dignidade dos homens publicos adversarios, «—diz o manifesto. Depois, continuando, cita o assalto á «Montanha», os centros fechados, o espancamento dos presos politicos, as cadeias longos mezes cheias de presos politicos, etc. etc.

Sim! Supunhâmos por momentos que todo esse rosario de mentiras... é verdadeiro. Mas perguntemos agora aos homens do manifesto se já alguma vez se provaram todas as calunias, todas as mentiras, todas as insidias lançadas logo depois de 5 de outubro sobre os ultimos homens da monarquia, calunias vis que chegavam a manchar uma Familia que pela sua situação e pelo seu prestigio devia ser invulneravel e venerada?!

Sim! Perguntêmos ainda aos mesmos homens se não se recordam do assalto ao palacio da senhora condessa de Ficalho, por ocasião do 14 de maio, tendo sido roubadas todas as pratas encontradas á mão... Do bombardeamento da casa do senhor Ferreira de Mesquita no mesmo dia, só pela razão deste senhor ser sogro do glorioso capitão da Galisa, Henrique de Paiva Couceiro... Do massacre do tenente Manuel Soares á porta do Hotel Francfort, do assassinato de Ramiro Pinto á porta do Ginasio...

Lembremos aos homens do manifesto ainda o espancamento dos presos monarquicos á coronhada e a cavalo marinho, o feito heroico do glorioso Marques das barbas, metendo-se no meio duma escolta a sabotetar os presos...

E já que tambem se fala no assalto á *Montanha* lembremos ainda a felina alegria com que o *Mundo* acolheu os assaltos aos jornaes monarquicos, em janeiro de 1911, intitulando-os como explosões da *alma popular*, como manifestações de *just ça popular*...

Oh! os *horrendos* crimes do *Dezembrismo* e do senhor Sidonio Paes!

III — O Problema Internacional

Vem seguidamente á baila no manifesto a nossa situação internacional. Que esclarações se fazem sobre este ponto?—Absolutamente nenhumas. Não se passa da mesma ladainha dos compromissos para com a Allança inglesa e do nosso prestigio internacional na futura conferencia da Paz.

Os nossos compromissos para com a Inglaterra já nós sabemos no que consistiam:—no *oferecimento* constante dos nossos serviços lá fóra, que a Inglaterra não pediu e que o democratismo conseguiu que ela por fim aceitasse.

O nosso prestigio internacional tambem nós sabemos que era apenas o prestigio do democratismo, que á força de sacrificios para a Nação conseguiu colocar em França uma Divisão Portugueza, pretendendo assim crear para si uma boa atmosfera de respeito lá fóra, pretendendo engrandecer-se á custa do sangue dos nossos soldados.

Nós sabemos bem o que foi a negociata da guerra, á sombra da qual os cofres de muitos famintos se encheram, emquanto o povo se debatia numa aterradora crise de subsistencias.

Sabemos como os principaes paladinos da guerra se batiam valentemente... em Paris, — emquanto os que para lá foram no cumprimento do seu dever de soldados se sacrificavam no *front* por uma causa alheia.

Fala o manifesto na defesa do nosso vasto patrimonio colonial e na sua integridade.

Sim! Sim! Mas emquanto se mandava atabalhoadamente para França um forte contingente de tropas, insistentemente *oferecidas* á Inglaterra, tão atabalhoadamente e apressadamente organizadas que mereceram dum oficial inglez a classificação da *mais organisada desorganisação*,— emquanto se fazia isso descurava-se o nosso patrimonio colonial, o verdadeiro ponto de toda a nossa acção nesta guerra, a tal ponto que ainda hoje os alemães estão em Moçambique.

O *nosso* prestigio lá fóra! Digam antes claramente o pretendido prestigio do *democratismo*, senhores do manifesto ao Paiz...

IV—O problema religioso

Trata por ultimo o manifesto do afonsismo da questão religiosa perante a revolução. Nele se afirma claramente que o P. R. P. «entende que a republica deve manter intransigentemente as conquistas do esairito liberal, declaradamente opostas ao congreganismo.»

Mais uma vez a republica se evidencia como inimiga implacavel das «liberdades» positivas, em holocausto a uma outra «Liberdade», toda abstracta, toda «ideal», que aplicada nos dominios da vida social, não é mais do que a negação em fórma de todas as regalias e liberdades que cada membro da Sociedade deve auferir, num regimen organisado e perfeito.

Mais uma vez ainda se vê como a republica é um elemento desnacionalizador, que, pervertendo a ordem interna, vae consequentemente enfraquecer o prestigio externo.

As chamadas «conquistas do espirito liberal, o que são?

—A sobreposição da maçonaria, elemento cosmopolita que finge amar só a Humanidade para não amar Patria alguma,—a sobreposição desse elemento desnacionalizador ás preferencias tradicionaes da Nação, ao seu religiosismo nato, ao seu amor a Deus e á Egreja.

Profundamente maçonica, a republica não pode deixar de combater tenazmente a Religião e o Catolicismo.

E assim, neste manifesto agora distribuido, mais uma vez se afirma, transparecendo apenas, esse odio veemente por tudo quanto represente uma herança do Passado.

Nem ensino religioso, nem congregações religiosas, nem relações com Roma—nada, absolutamente nada a republica quer daquilo que não representa mais do que uma satisfação á consciencia catolica de Portugal.

Eu já ontem me referi aqui á coerencia dos homens da republica. Mais uma vez agora me posso referir, perante este «problema religioso» do democratismo.—E' que, sendo estes homens da Democracia os creadores da «Vontade Nacional», expressa legitimamente na burla do «Sufragio Universal», admira-me bastante como eles não acatam neste caso a Soberana Vontade do Povo. (Tudo com maiusculas)!

Essa vontade exige que se concedam á Egreja as suas tradicionaes regalias, visto que a Egreja em Portugal outra coisa não é do que a representação dos sentimentos catolicos de Portugal inteiro!

—Sim! Sim!—dirão os nossos democratas—mas isso de Religião é uma velharia apenas, já irremediavelmente condenada pelo Progresso!...

Augusto da Costa.

Conselheiro Ayres d'Ornelas

Foi ontem alvo de manifestações extremamente significativas de parte dos parlamentares monarquicos o senhor conselheiro Ayres d'Ornellas. A maneira como S. Ex.ª conduziu a minoria na sua posição difícil de *leader* deu lhe direito a todas as homenagens. Servindo sempre, como soldado e como politico, o senhor conselheiro Ayres de Ornellas engrandeceu o prestigio do seu nome já ilustre na forma como correspondeu superiormente á responsabilidade da sua situação. E' um chefe.

E um chefe a quem se obedece espontaneamente, com respeito e com dedicação. Nas mãos de S. Ex.ª está forte, como nunca, a Causa Monarquica. Porque sinceramente assim o pensamos, a *Monarquia* honra-se em apresentar ao senhor conselheiro Ayres d'Ornellas a expressão mais escolhida da sua profunda admiração.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Falou Lloyd-George...—ou por outra, o «Premier» britanico deitou epistola fida simultaneamente a todo o livre clima do Reino Unido, ás 9 horas da noite precisas de 4 deste mês. Fez-se a coisa de uma forma na verdade original e cheirando «já» (já, o leitor que note...) a «Yankismo», pois a todos os directores de cinemas, teatros, «music-halls» e salas de concerto haviam sido previamente dirigidas em sobrescripto fechado e lacrado vermeticamente, as palavras supremas daquele que dirige a politica inglesa na actual conjuncção historica. E com a carta as devidas instrucções para os respectivos empresarios de divertimentos publicos ordenarem a abertura, em pleno palco, da mensagem de Lloyd, ás atraz citadas e fatidicas 9 da noite de 4 de agosto.

Calculava-se em Inglaterra (outra mania «Yankee» este do calculismo e da estatistica por dá cá aquela palha) que as palavras ministeriaes fossem ouvidas ao mesmo tempo nas 51 mil casas de espectaculo do Reino Unido por cerca de 3 mil atentos cidadãos e cidadas. E' uma bonita soma, sem duvida alguma...

Agora o que nós ignoramos é se o efeito causado Alem-Mancha pelo arrazoado em questão foi o mesmo que nós sentimos e que se pode citrar nestas tres palavras celebres do Hamlet: «Words, words and words».

Só palavras e mais palavras e francamente nenhuma ideia nova, que deixe a gente embasbacada e estarrecido perante a profundeza do conceito ou o bem trabalhado de frase. Palavras e só palavras... no fim de 4 anos de guerra—o que é pouco.

Ai da Inglaterra se não tivesse a trabalhar pela victoria outra gente que não fosse o actual primeiro ministro, que de ha muito nos vem dando a democratica impressão dum aereo «Antonio Zé», traduzido em «argot» do Strand... Só palavras!

Vir dizer—no fim de 4 anos de guerra!—que a Inglaterra não trabalha com fins egoistas e que simplesmente quer talvez a Humanidade das garras do Militarismo, chega a ser vontade de «disfructar» a pobre Humanidade.

Compreendemos muito bem que palavras as diga Wilson, porque este sob este lema vai preparando para o seu paiz um «imperialismo economico», em marcha para Oriente, que ha-de dar ainda agua pela barba á velha Europa. Atraz das palavras vem d'além Atlantico factos positivos e concretos: os seus exercitos, certamente por ora inexperientes mas trazendo da Mãe Patria tudo de que precisam: mantimentos, materiaes de construção, obras de engenharia, locomotivas etc.

E a par disto a «insinuação» como pinho em costura, com passos de minima bulha.

Havemos de sentir todos, sem duvida *organisação*,— emquanto se fazia isso descurava-se o nosso patrimonio colonial, o verdadeiro ponto de toda a nossa acção nesta guerra, a tal ponto que ainda hoje os alemães estão em Moçambique.

O *nosso* prestigio lá fóra! Digam antes claramente o pretendido prestigio do *democratismo*, senhores do manifesto ao Paiz...

IV—O problema religioso

Trata por ultimo o manifesto do afonsismo da questão religiosa perante a revolução. Nele se afirma claramente que o P. R. P. «entende que a republica deve manter intransigentemente as conquistas do esairito liberal, declaradamente opostas ao congreganismo.»

Mais uma vez a republica se evidencia como inimiga implacavel das «liberdades» positivas, em holocausto a uma outra «Liberdade», toda abstracta, toda «ideal», que aplicada nos dominios da vida social, não é mais do que a negação em fórma de todas as regalias e liberdades que cada membro da Sociedade deve auferir, num regimen organisado e perfeito.

Mais uma vez ainda se vê como a republica é um elemento desnacionalizador, que, pervertendo a ordem interna, vae consequentemente enfraquecer o prestigio externo.

As chamadas «conquistas do espirito liberal, o que são?

—A sobreposição da maçonaria, elemento cosmopolita que finge amar só a Humanidade para não amar Patria alguma,—a sobreposição desse elemento desnacionalizador ás preferencias tradicionaes da Nação, ao seu religiosismo nato, ao seu amor a Deus e á Egreja.

Profundamente maçonica, a republica não pode deixar de combater tenazmente a Religião e o Catolicismo.

E assim, neste manifesto agora distribuido, mais uma vez se afirma, transparecendo apenas, esse odio veemente por tudo quanto represente uma herança do Passado.

Nem ensino religioso, nem congregações religiosas, nem relações com Roma—nada, absolutamente nada a republica quer daquilo que não representa mais do que uma satisfação á consciencia catolica de Portugal.

Eu já ontem me referi aqui á coerencia dos homens da republica. Mais uma vez agora me posso referir, perante este «problema religioso» do democratismo.—E' que, sendo estes homens da Democracia os creadores da «Vontade Nacional», expressa legitimamente na burla do «Sufragio Universal», admira-me bastante como eles não acatam neste caso a Soberana Vontade do Povo. (Tudo com maiusculas)!

Essa vontade exige que se concedam á Egreja as suas tradicionaes regalias, visto que a Egreja em Portugal outra coisa não é do que a representação dos sentimentos catolicos de Portugal inteiro!

—Sim! Sim!—dirão os nossos democratas—mas isso de Religião é uma velharia apenas, já irremediavelmente condenada pelo Progresso!...

Augusto da Costa.

O engulho...

Quando hoje abrimos a *Situação*, julgamos, ao ver o nome de D. João VI, que o nosso colega ia desfazer com documentação imprevista tudo quanto a historia verdadeira, e não a historia romantica, nos ensina. Nada disso! Tratava apenas da saída da Bibliotheca da Ajuda para o Rio. Como não é um ponto que diga respeito ao problema e em nada representa alteração alguma nele, não percebemos porque a *Situação* deu á sua conversa com o senhor Jordão de Freitas o titulo que lhe deu. Efeitos jornalisticos, talvez. Ou mais sinceramente, efeitos do engulho que não ha maneira de lhe passar...

Resposta á letra

Sob este titulo publica *O Liberal* de ontem o seguinte trecho que gostosamente transcrevemos:

Como se sabe, o nosso colega Rocha Martins é um velho jornalista que nunca deixou sem resposta qualquer *snello* dum inimigo ou qualquer pedido dum camarada.

Parece que o informador da *Capital*, no parlamento, ao escrever sobre o nosso colega não sabe porque razão se excitou tanto e, por isso pergunta. E' que Rocha Martins não tinha senão um fim ao dar *Vivas á Monarquia* e ao *Rei*, ante os vivas á *republica* da maioria e ao increpar alguns dos deputados. Era acentuar bem que não tolera desatios, mesmo em berros; esteve ainda pleiteando pela moralidade, dentro da qual já mais couberam aventureiros que fazem da pena navalha. Era só isto e talvez tambem, agora, como jornalista, a vontade de que a imprensa não seja albergue de creaturas que, principiando pelo desrespeito aos colegas acabam escabujando na odiosa mentira, escoiceando quem lhes devia merecer attenção e, o peor de tudo, fazendo o mesmo á desgraçada gramatica.

A Igreja e a Republica

Já aqui fizemos notar na nossa *Casa de Orates* que a resposta do ministro da Instrução sobre ensino religioso, ao sr. dr. Pinheiro Torres deve bem ter mostrado aos catolicos *o maximo* que a Republica lhes pode dar, apesar de todas as suas transigencias e favores...

A *Liberdade*, jornal catolico do Porto, mostrou no seu artigo *A resposta de um ministro* encarar a questão pelo verdadeiro prisma. A opinião tantas vezes manifestada pelos monarquicos vai tendo pois o mais cabal assentimento.

Só a Monarquia pode zelar os interesses da Igreja, porque a Republica é a Maçonaria—e no programa da Maçonaria figura a destruição completa da Igreja!...

Uma rectificação

O sr. capitão Solano de Almeida dirigiu ontem ao *Jornal da Tarde* uma carta, dizendo não ser verdade o ter chamado *canalha* ao sr. Mauricio Costa, ao contrario do que no extracto daquele jornal se afirmava.

Apesar de extranhos ao caso, publicamos de bom grado esta rectificação.

Sempre as gralhas

O que ante-ontem escrevemos sobre o sr. capitão Solano de Almeida foi vitima completa dos caprichos da tipografia e da negligencia da revisão.

Apresentamos ao nosso querido amigo as nossas desculpas, certos de que ele se convencerá de que o não fizemos *com intenção criminosa*...

Tambem... é o que nos vale...

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Lêr adiante:

«Ecos e comentarios», «Nota economica» e outro noticiario